“BRASILEIROS INFELIZES”: O HANSENIANO COMO OUTSIDERS

Salatiel da Rocha GOMES[[1]](#footnote-1)

Gláucio Gomes de MATOS[[2]](#footnote-2)

RESUMO

Esse texto tem como objetivo descrever como as diferentes figurações sobre a Lepra se constituíram no cenário mundial e nacional ao longo do século XX, tendo como aporte teórico de análise a sociologia processual de Norbert Elias, evocando os conceitos de figurações, redes de interdependência e a relação sociedade e indivíduo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa. Dentro de uma análise Eliasiana, considera-se o hanseniano, principalmente aquele indivíduo que viveu o isolamento compulsório, um outsiders, ou seja, alguém inferiorizado, invisibilizado, rejeitado, estranho e que possui uma carga de estigma e preconceito muito forte. O texto ainda considera que as diferentes figurações da Hanseníase trouxeram reverberações na vida cotidiana dos hansenianos. Nesse sentido, nossa intenção é tecer uma trama com vários elementos de análise, tais como, as figurações envolvendo a Hanseníase – o saber médico, as políticas públicas sobre a doença, o contexto histórico, e o processo de produção do conhecimento científico, que delineia os níveis de compreensão e justificativa da doença.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hanseníase; outsiders; isolamento

**Introdução**

A expressão mencionada no título desse artigo “Brasileiros Infelizes”, foi retirada do Livro A leprosaria de Paricatuba, de Samuel Uchoa, escrita em 1926, relatando um momento marcante que queremos constantemente refletir nesse texto: o do isolamento. O texto foi escrito no seguinte contexto histórico:

O Amazonas pode ficar tranquilo de hoje em diante, cabendo à União prestar-lhe auxílio para manutenção dos doentes, atendendo ás dificuldades financeiras do erário publico estadual. Votada essa verba, que se destina ao amparo de brasileiros infelizes, a leprosaria de Paricatuba preencherá os seus fins, abrigando em suas largas dependências homens que tem direito ao nosso carinho e ao nosso apoio (UCHOA, 1926, p.37 – Grifo nosso)

Sublinhamos que ao longo da história da Hanseníase, percebemos diferentes expressões dadas ao indivíduo que portava a doença, tais como: amaldiçoado, infeliz, leproso, imundo, desfigurado, dentre outros. Esses termos possuem relação com a ideia de estigmatizar, inferiorizar, colocar o outro em uma condição subalterna e tacanha, típicos de uma figuração estabelecidos-outsiders, quando o grupo estabelecido tentar ao máximo manter sua superioridade em relação ao grupo mais fraco, considerado outsiders. Quando analisamos à luz desse olhar epistemológico, entendemos que na história social da doença, o hanseniano pode ser considerado como um outsiders, ou seja, aquele que não faz parte da “boa sociedade”. Esse é o sentido que queremos dar a esse texto.

A Hanseníase[[3]](#footnote-3), considerada uma doença negligenciada e milenar, desvendada apenas no século XX, ainda se constitui como um dos maiores problemas de saúde pública, principalmente nos países em desenvolvimento, uma vez que a doença é endêmica e aparece em ambientes precários e relacionados às condições sanitárias e de moradia, portanto, à pobreza e miséria. É uma doença crônica, infectocontagiosa, cujo agente etiológico é o *Mycobacterium* *leprae*, o qual ataca os nervos periféricos, como os das mãos, pés, punhos, rosto e pele. O contágio acontece pelas vias respiratórias. Segundo Brasil (2018), as regiões Centro-Oeste e Norte apresentam os maiores casos de Hanseníase (37,27 e 34,26 casos para cada 100 mil habitantes, respectivamente). Em geral, o Brasil é o segundo maior país com incidência da doença, perdendo apenas para a Índia, e o primeiro no aparecimento de novos casos, o que demonstra a dificuldade do país em combater a doença.

A doença considerada, inclusive, como maldição, carrega a marca do estigma e do preconceito. Em uma análise histórica e social das doenças, “talvez não exista nenhuma doença que tenha causado tanto medo e asco quanto a lepra” (RICHARDS ,1993, p.153). É impossível não lembrar dos ex-portadores de hanseníase, que foram isolados para salvar a saúde dos sãos; dos filhos que no ato de seus nascimentos foram retirados das famílias; da ação ineficaz do Estado e da rejeição da sociedade.

É importante mencionar desde já que a História da Lepra sempre esteve ligada a aspectos característicos da sociedade (sociais e culturais) por isso, a compreensão que temos a respeito da doença vai além dos aspectos biomédicos e valorizam, assim, os elementos culturais e sociais, fazendo-nos refletir a respeito da cultura, religião, moral, costumes e outros.

Essa forma de analisar a doença, nos leva a tecer considerações sobre os aspectos epistemológicos, ou seja, sobre a forma como se deu a evolução do conhecimento científico nessa área. Antecipamos, desde já, que percebemos fecundidade nas ideias de Norbert Elias, quando trazemos o conceito de figurações, e de Ludwick Fleck, ao evocarmos o conceito de estilos de pensamento. Para nós, existe um diálogo entre esses dois autores, os quais valorizam os aspectos histórico-culturais.

 **Estilos de Pensamento sobre Hanseníase: Um olhar epistemológico**

Indiscutivelmente, não há como se fazer ciência e produzir conhecimento individualmente. É uma tarefa coletiva e que necessita de uma interação entre os pares e um movimento de interdependência. Thomas Kuhn (1975), um dos epistemólogos mais lidos na atualidade, defende a ideia da existência de comunidades científicas, as quais são compostas por pessoas que partilham um mesmo objetivo, gerando ideias científicas e defendendo determinado paradigma, que é outro termo cunhado por Kuhn.

Paradigma pode ser definido como um modelo seguido, um conjunto de saberes, que responde às determinadas questões ou problemas. Defende a coletividade na ciência, apontando que “embora a ciência seja praticada por indivíduos, o conhecimento científico é intrinsecamente um produto de grupo e que nem a sua peculiar eficácia nem a maneira como se desenvolve se compreenderão sem referência à natureza especial dos grupos que a produzem” (KUHN, 1977, p. 24). De certa forma, a comunidade científica dá legitimidade ao conhecimento científico, tornando-se uma superestrutura e guiada por um paradigma. As anomalias, as tensões e o aparecimento de um problema não resolvido por determinado paradigma, gera, para Kuhn, uma revolução científica (substituição de um paradigma por outro), e consequentemente, uma ruptura epistemológica. Ou seja, para Kuhn, a ciência progride de modo não cumulativo. A crítica dada a essa forma de conceber a produção do conhecimento científico é a de que dificilmente acontecerão revoluções científicas capazes de destruir totalmente um paradigma. Durante muito tempo, tal paradigma ainda responde a muitas questões. Não necessariamente um paradigma destrói outro.

Antecessor a Kuhn, aparece o Epistemólogo Ludwick Fleck (2010), pouco conhecido no Brasil, mas que traz importantes contribuições na história e filosofia da Ciência. Fleck (2010), médico polonês de família Judia, o qual dedicava-se aos estudos sobre microbiologia, somente foi conhecido ao ser lido no prefácio do livro de Kuhn *A estrutura das Revoluções Científicas*, quando Kuhn mencionou que muitas de suas ideias tinham influência de Fleck. Esse autor traz conceitos como estilos de pensamento e coletivo de pensamento. Fleck, ao invés de trabalhar com processos de rupturas, como Kuhn compreendia, menciona que no campo científico existem diferentes estilos de pensamento, definido como concepções, modos de compreender e interpretar um corpo de conhecimento. Esses estilos de pensamento são mutáveis e históricos. Passam por um processo de extensão e transformação, resultado das dinâmicas de transitoriedade das ideias. O conceito de coletivos de pensamento é definido como um conjunto de pesquisadores que defendem determinado estilo de pensamento, tendo o mesmo sentido de comunidade científica, adotado por Kuhn.

Podemos considerar que um ponto divergente de Kuhn em relação a Fleck e Norbert Elias é que os fatos sociais, históricos e culturais são tratados internamente, dentro da própria comunidade científica. Não considera-se, dentro de uma análise interna do paradigma, os fatores externos envolvendo a sociedade, os discursos, a política, dentre outras questões. Nesse sentido, a preocupação está mais com as atividades internas realizadas pelos pesquisadores a fim de resolver um problema, do que as atividades externas envolvendo, a título de exemplo, a sociedade. Por isso, dificilmente abordarão questões envolvendo as desigualdades sociais, lutas de classes, relações de poder, processos de subjetivação e os próprios usos sociais dessa ciência, uma vez que a própria comunidade científica tentar ao máximo normalizar a ciência, evitando novidades e anomalias e garantindo, portanto, a estabilidade da ciência.

Um exemplo de mutabilidade e de extensão do estilo de pensamento podemos encontrar no conhecimento sobre a Lepra. Até o final do século XIX, uma concepção bastante aceita e propagada era a da doença transmitida hereditariamente, por via genérica. Nina Rodrigues, por exemplo, abordava a lepra como uma “moléstia” de caráter contagioso e também hereditário. Outro pensamento sobre a doença era o do contágio por alimento, defendido por Jonathan Hutchinson, cirurgião e dermatologista inglês. Para ele, a causa seria uma alimentação baseada em peixes, sustentando sua teoria na quantidade elevada de casos da doença na costa escandinava. Esse dermatologista morreu acreditando nessa hipótese, não mudando sua concepção sobre a doença, o que se aproxima com a epistemologia de Fleck, pois um estilo de pensamento não elimina o outro. No Brasil e com o mesmo estilo de pensamento, temos Paula Cândido, o qual defendia que o uso prolongado da alimentação animal e de alimentos como gordura excessiva, carne de porco, poderia produzir a morfeia (SOUZA ARAÚJO, 1946). Paula Cândido acreditava também que além da alimentação, o clima contribuía para aquisição da doença.

A principal ação do calor na produção do alimento, cumpre ainda ponderar, que nos países equatoriais e intertropicais a evaporação do suor renova continuamente o líquido que atravessa a pela para constituir a transpiração; e os poros deste tegumento ou os canais por onde transpira o suor, obedecendo a lei geral, se acham muito mais dilatados, o calórico, estimulante natural universal, excita a pele mais que nos países frios: ora, se a pele é atravessada no mesmo tempo por maior quantidade de líquido, que muito é que ela se irrite mais facilmente e se inflame? (SOUZA ARAÚJO, 1946, P. 401).

 Outra ideia bastante circulada é a de Adolpho Lutz, o qual considerava que a doença era transmitida por Mosquitos e pernilongos. Luiz Marino Bechelli, demartologista brasileiro tinha outra concepção, relacionando a causa da doença aos aspectos de sexualidade, raça e idade.

**A epistemologia de Norbert Elias: Uma análise a partir da figuração estabelecido – outsiders**

Norbert Elias é considerado atualmente um dos sociólogos mais lido, dado a contribuição teórica nos estudos sobre a sociedade. No Brasil, ainda vem sendo “descoberto”, mas já existindo, principalmente nos cursos de pós-graduação, diversas pesquisas de campo, tendo a teoria Eliasiana como principal base teórica. São pesquisas envolvendo a análise de processos históricos e sociais, relações de poder, lazer, educação, dentre outras. Sua capacidade em lidar com diferentes questões, o faz um dos sociólogos mais reconhecidos intelectualmente, apesar desse reconhecimento ser tardio. Suas ideias foram durante um bom tempo contrárias, destoantes daquilo que era validado e aceitável na ciência. Ele mesmo reconheceu-se um “outsiders”, que será um elemento de análise a ser desenvolvido nos próximos parágrafos.

Elias (1994) vê o desenvolvimento do conhecimento científico como um processo. A cura, os modelos de explicação da Hanseníase, as conferências, a adoção de várias medidas profiláticas, podem ser compreendidas como a evolução da passagem de mecanismos de coação externa para mecanismos de autocontrole. Elias considera que algumas ações são tidas como processos cegos (não são certezas inexoráveis) que trarão implicações e que são resultados de compreensões de determinados contextos históricos.

Elias propõe uma análise histórica a partir do conceito de figurações. Nessas figurações, a história da sociedade e dos indivíduos pode ser compreendida a partir de uma relação de interdependência entre aquilo que é individual, social e com o tempo. Elias, diferente de outros teóricos, considera que não é possível estudar os seres humanos isoladamente, sem analisar as configurações interdependentes. Essas configurações podem ser alteradas durante o percurso histórico, mediante, principalmente, pelos conflitos e tensões. Em linhas gerais, Elias substitui a noção de um conhecimento fixo e estável, por um conhecimento que é evoluído, processual, histórico-coletivo e figuracional de tempo.

Na epistemologia Eliasiana, a relação indivíduo e sociedade tem como principais características a ideia de desenvolvimento sempre em curso e que as mudanças acontecem, mas a longo prazo, sendo, inclusive, imprevisíveis e não deliberadas. O saber, portanto, é desenvolvido dentro de uma figuração (ELIAS, 1994).

 O livro Os estabelecidos e Outsiders, de Norbert Elias e John Scotson (2000), nos motiva a compreender o modo de relação existente nas figurações sobre a hanseníase, marcadas principalmente pelo estigma, desigualdade social e uma marca persistente de exclusão. Foi o único livro etnográfico de Norbert Elias, sendo realizado em uma comunidade chamada Winston Parva, que apresentava aspectos de discriminação e exclusão entre as zonas, mais precisamente entre moradores antigos e moradores novos, sendo estes últimos considerados outsiders. Elias e Scottson (2000) defendem que o estudo de uma comunidade não é limitado; pelo contrário, pode tornar-se um paradigma empírico, aplicando-se como modelo para estudos de figurações mais complexas.

A relação estabelecidos-outsiders tem como característica elementos de tensão, exclusão e estigmatização, quando um grupo que se considera superior, dominando simbolicamente um grupo inferior e que tenta sempre mostrar que o outro é limitado.

A estigmatização, como aspecto da relação entre estabelecidos e outisders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsiders (...) o estigma social que seus membros atribuem ao grupo dos outsiders transforma-se, em sua imaginação, num estigma material – é coisificado (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.35).

Para os “sãos”, os hansenianos tinham “valor humano inferior’ . Isso é resultado de uma necessidade de manter a superioridade e de enfraquecer um grupo de pessoas que incomodava, uma forma de depreciá-los. Esse posicionamento é uma forma bem clara do grupo estabelecido em fazer com que o outro grupo se sinta excluído e rejeitado (ELIAS e SCOTSON, 2000).

**O isolamento compulsório: Uma figuração necessária?**

***“****Dentro de mais vinte anos, a não se providenciar IMMEDIATAMENTE quanto ao segregamento dos leprosos, o problema não terá mais solução: o Brasil será um tremendo leprocomio repudiado por todo o mundo civilizado”*

*(Belizário Pena, A Lepra no Brasil)*

O epígrafe acima evocado, de Belizário Pena, um dos médicos sanitaristas brasileiro mais renomados, membro de uma intelligentsia brasileira na área da saúde, nos faz pensar na concepção que se tinha da doença e do desespero em manter um país “civilizado” e da necessidade urgente de se isolar. Para Ducati (2007), o isolamento hanseniano era explicado por um discurso ideológico e científico, pelo estigma psicologizante e pelos inúmeros problemas sociais.

Os hansenianos precisam, pelo bem da própria sociedade, ser isolados. Aqueles que fugiam do isolamento eram considerados outsiders insubmissos e desumanos, já que para os estabelecidos não pensavam no bem comum das pessoas. Podemos entender que os locais de isolamento foram espaços de vigilância, de “privação” da saúde dos “sãos” e medidas de proteção; de intensa observação.

 A primeira explicação científica para tal isolamento aconteceu na I Conferência Internacional sobre Lepra, em 1897, na cidade de Berlim, quando os pesquisadores consideraram a cura da doença improvável e que uma das alternativas era o isolamento dos portadores. No entanto, não se tomou uma medida de obrigatoriedade. Na conferência, exemplificou-se os modelos de isolamento adotado na Noruega e na Alemanha. O modelo Alemão, tinha uma proposta de um isolamento “humanizado”, respeitando, inclusive, as diversidades socioculturais e partindo de uma premissa autossustentável. O modelo Norueguês era o do isolamento voluntário, sendo uma das ações para o combate da doença. Ressaltamos ainda o modelo havaiano que afastava totalmente o doente do convívio com as outras pessoas. Ficava praticamente isolado, distante e sem comunicação.

 A segunda Conferência Internacional sobre a Lepra aconteceu na Noruega, em Bergen, no ano de 1909, e recomendou o isolamento dos doentes e a separação dos filhos de pais que possuíam a doença. Na terceira conferência internacional, em Estraburgo, na França, em 1923, descartou-se o contágio indireto e recomendou que cada país providenciasse suas leis para realização do isolamento. Em 1938, na cidade do Cairo, no Egito, realizou-se a quarta conferência internacional da Lepra, enfatizando dois elementos: o do chamado tripé (isolamento, preventórios e dispensários) e a realização de atividades de educação em Saúde, como campanhas educativas.

Maciel (2007) traz em sua tese de doutorado importante contrapondo realizado pelo leprologista colombiano Juan de Dios Carrasquilla: Se doenças transmissíveis e tão graves quanto à lepra, como Sífilis e Tuberculose, não precisam de isolamento, por que os doentes com Lepra precisavam ser isolados? Essa e outras vozes insurgentes não conseguiram barrar a adoção do isolamento como medida profilática mais eficaz.

 Após uma década, em 1948, realizou-se a quinta conferência, em Havana, Cuba, recomendando o isolamento apenas em casos contagiantes. Na sexta conferência, reafirmou-se essa recomendação, mas acrescentando a necessidade de medidas assistenciais aos familiares e doentes.

A sétima conferência discutiu o fim do isolamento. Realizou-se na cidade de Tóquio, em 1958, mencionando a ineficácia de tal estratégia profilática, além de relatar a urgência em ampliar o tratamento quimioterápico. No Brasil, o fim do isolamento veio de um estudo analítico-estatístico, ao perceber que não havia declínio no número de casos, comprovando, portanto, que o isolamento não estava resolvendo o problema, como se pensava. Mesmo com esses números, essa conclusão foi permeada de discordâncias e não de consensos. Vários médicos defendiam uma posição mais séria do governo.

**Considerações Finais**

*M EU F I L H O[[4]](#footnote-4)*

*Há bem pouco nascestes e já te vais...*

 *Nem eu nem tua mãe te deu um beijo*

*Como é triste o destino que praguejo:*

*Ter um filho e vê-lo órfão tendo os pais.*

 *Não nos verás...não te veremos mais.*

*E na dôr não verá o teu gracejo*

*Quem te esperava no maior festejo*

*Entre alegrias que se tornam em ais.*

*Meu pobre filho, p´ra maior tormento*

*Nem se quer repousaste um só momento*

*No teu bercinho que enfeitei de flores.*

*Ó dôr que desespera e dá vertigem!*

*Tua mãe, vejo-a louca como a virgem*

*Quando a Jesus buscava entre os doutores*

É importante ressaltar que mesmo ainda sem um estudo sistemático sobre as reverberações do Isolamento hanseniano, é possível acreditar que as figurações relatadas acima influenciaram na autoimagem e na estima não somente dos que sofreram o isolamento, mas nas pessoas com as quais conviveram ou convivem. Como apontado por Elias e Scotson (2000), a experiência de ser um outsider, de uma atribuição inferior dada pela sociedade, deixa marcas na autoimagem e na autoconfiança em épocas posteriores. Trata-se, portanto, de uma herança sociológica desse outsider, que durante muito tempo foi estigmatizado, resultado de uma figuração que pesou e ainda pesa na composição da identidade pessoal. Outrossim, como apontado por Elias e Scotson (2000), estigmas envolvendo questões depreciativas, influenciam muito nas autoimagens e podem persistir por séculos.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Hanseníase. **Boletim Epidemiológico**. Ministério da Saúde, 2018,

DUCATTI, Ivan. **Discurso Científico e Legitimação Política:** Hanseníase e Isolamento Compulsório (Brasil, Século XX). Projeto História, São Paulo, n.34, p. 303-315 , jun. 2007

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. **Os estabelecidos e outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FLECK, L**. Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico**. Editora Fabrefactum, 2010

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_.**A Tensão Essencial**. Lisboa, 1977.

MACIEL, Laurinda Rosa. **“Em proveito dos sãos, perde o lázaro a liberdade”:** uma história das políticas públicas de combate à lepra no Brasil (1941-1962) . Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, 2007

RICHARDS, Jeffrey H. **Sexo, desvio e danação: as minorias na idade média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA ARAÚJO, H.-C. **História da lepra no Brasil, períodos colonial e monárquico** (1500-1889). Vol. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.

UCHOA, Samuel. **A leprosaria de Paricatuba**. Manaus: Tipografia Palácio Real Manaus, 1926.

1. Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia e Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Amazonas. E-mail: salatielrocha@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. [↑](#footnote-ref-2)
3. Na década de 70, no Brasil, o termo Lepra foi substituído por hanseníase, com o objetivo de reduzir o estigma social. O termo lepra foi substituído por Hanseníase através do decreto n.76.078, de 04 de Agosto de 1975. Nos outros países, a palavra ganhou sobrenome: lepra moderna ou lepra verdadeira. Devido a historicidade, utilizaremos nesse texto, o termo Lepra, mas usando, quando necessário também o termo Hanseníase. [↑](#footnote-ref-3)
4. Publicado em Março de 1942, na Revista de Combate á Lepra, a poesia foi escrita por um doente que viveu o isolamento, no Leprosário do Amazonas, Vila Belisário Pena. Demonstra sofrimento ao ver a separação de seu filho, levando a um preventório da cidade de Manaus. A separação de pais e filhos foi um dos momentos mais marcantes desse período. [↑](#footnote-ref-4)